

# Entorno, a face rural do DF

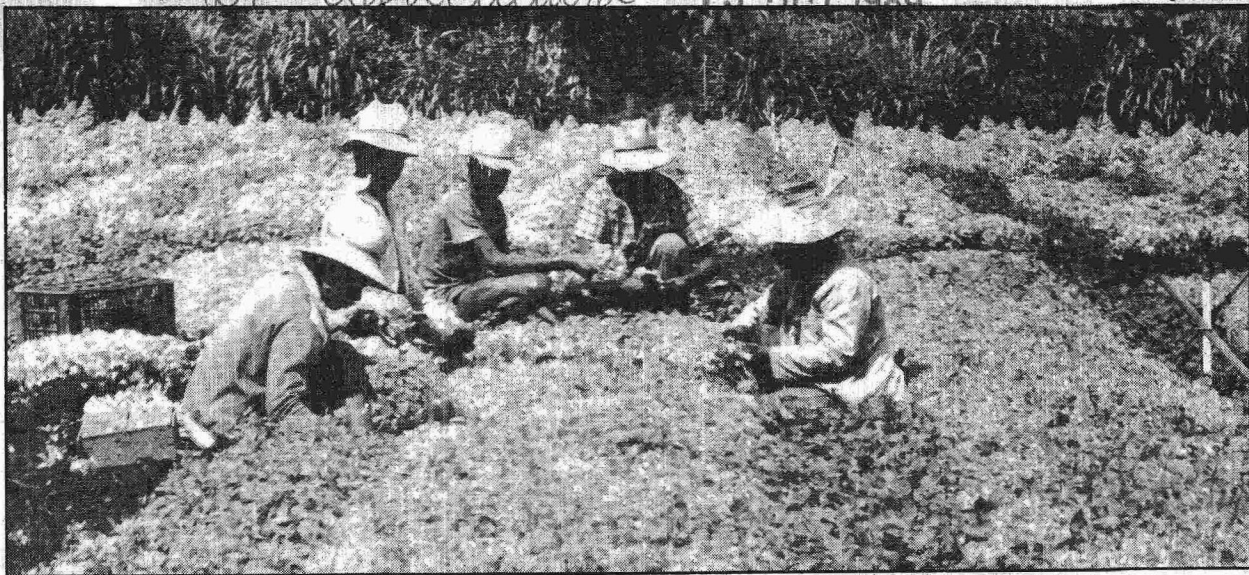
**Gilnei Garcia Lima**

Seis por cento da área do Distrito Federal estão ocupados pela arquitetura de Oscar Niemayer, pelo plano urbanístico de Lúcio Costa, por cidades-satélites, invasões, condomínios, chácaras que pouco ou nada produzem e setores de mansões. Do outro lado desta fronteira urbana e pseudo-rural, existe um DF agrícola produzindo cerca de 350 mil toneladas de alimentos, atingindo auto-suficiência em algumas culturas e vivendo com hábitos completamente distintos dos cidadãos urbanos.

Se a fronteira destes dois DFs fosse fechada, em tese, o DF urbano, que só faz consumir e produzir serviços, morreria de fome, com o consolo de receber a desgraça — em sua maioria — bem vestido e acomodado em excelente moradia. O DF rural veste roupas simples, furadas pelo sol e pela poeira, até se assusta com a crise de custos e de preços, mas a família sempre encontra na mesa a produção da horta, do galinheiro, e o leite. Eles ocupam 43% do total da região do Entorno do DF, onde apenas 66% são agricultáveis, e vivem como se vive em qualquer zona rural do País.

## DF japonês

Bem comportadas em estreitos canteiros, arriscando-se apenas a mudar a paisagem em diferentes tons de verde, as alfaces, couves, cebolinhas, acelgas e chicórias denunciam que Vargem Bonita (atrás das mansões Park Way) é uma espécie de Japão rural candango. Nas mãos dos japoneses, as verduras entram numa linha de



*Pequenos produtores contribuem para que o DF seja auto-suficiente em hortigranjeiros*

produção impressionante. Cada família de cerca de 40 imigrantes tem apenas um lote de quatro hectares, mas aproveita cada centímetro de terra. Se um canteiro está vazio é porque ontem foi apanhada a alface. Mas hoje — seja domingo ou feriado — ele será trabalhado novamente para amanhã receber novas mudas.

“Terreno pequeno. Não pode parar”. Quem explica é Taizo Kano, 55 anos, há 31 anos no Brasil, 21 só em Brasília. Todos eles pegam junto com os empregados, levam filhos e mulheres para a lavoura e, apesar de uma ligeira desconfiança, não se recusam a falar e estender a mão para o cumprimen-

to, ainda que completamente sujas de barro, como a de Taizo Kano, que passou o dia mexendo nos tubos de irrigação.

## Pomares

A divisão não é rígida, mas costuma-se dizer que quem escolheu viver de olerícolas escolheu, além de Vargem Bonita, Brazlândia e Alexandre Gusmão — onde além dos japoneses, também se encontram gaúchos, mineiros, goianos e nordestinos. Nesta área estão também os maiores pomares, onde são colhidas 6 mil toneladas de limão, 4,2 mil de mangas, 3,7 mil de bananas e 1,5 mil de laranja. O agrônomo Paulo Guedes, da Emater—DF, já recebeu a confirmação

de que duas indústrias de suco de laranja pretendem instalar-se e incentivar o plantio de cítricos na região.

## DF gaúcho

Soja é com os sulistas, principalmente os gaúchos, que tomaram conta do Pad—DF (Projeto de Assentamento Dirigido do DF), na estrada para Unai. O Pad—DF tem alguns catarinenses e paranaenses, mas 80% são mesmo do Rio Grande do Sul. Um destes gaúchos, João Carlos Werlang, “lá das bandas de Selbach, perto de Carazinho”, garante que paranaense legítimo não existe por aqui. “É tudo gaúcho cansado, como se diz, que apenas havia migrado no Paraná”.